O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, OUTUBRO/2012 - ANO XV - Nº 189

EDITORIAL

No dia 7 de outubro, Piquete vivenciou um fato que ficará marcado em sua história. Após 121 anos de emancipação política, pela primeira vez uma mulher estará à frente da administração municipal como gestora.

De maneira democrática, Teca Gouvêa foi eleita prefeita de Piquete com 47,5% dos votos válidos. De maneira discreta, sem grandes alardes e com recursos próprios, Teca Gouvêa fez uma campanha tranquila, durante a qual procurou, transparente e eticamente, apresentar aos eleitores sua proposta de governo e mostrar que é possível administrar o município com respeito pelo dinheiro público. Por outro lado, foi alvo de calúnias e mentiras que visavam a macular sua imagem e curriculum. No entanto, Teca seguiu firme em sua campanha. Apesar de pequena na estatura, mostrou-se gigante em coragem, determinação, garra, conhecimento e caráter.

Ousada e firme na tomada de decisões, mostrou-se, ainda, uma mulher de atitude e preparada intelectualmente para ser prefeita de Piquete. Com esses predicados ganhou o respeito e a confiança do eleitor: o resultado foi dado pelas urnas.

Logo após a apuração, foi ovacionada pela população de Piquete, que saiu às ruas para saudá-la. No semblante dos eleitores que com ela comemoravam a vitória, estavam estampadas a alegria e a certeza de que dias melhores chegarão para os piquetenses.

A Praça da Bandeira e adjacências ficaram pequenas para acomodar as milhares de pessoas que para lá se dirigiram.

A eleição de Teca Gouvêa é o resultado de um trabalho sério e honesto. O apoio popular é a força que a fará seguir em frente, efetivando as mudanças administrativas e políticas que Piquete espera e merece.

A Fundação Christiano Rosa parabeniza, com orgulho, a prefeita eleita, arquiteta Teca Gouvêa, presidente de seu Conselho Curador.

Foto Arquivo Pró-Memória

A prefeita eleita, Teca Gouvêa, juntamente com seu vice, Dr. Hamilton Leite, obtiveram 47,5% dos votos válidos. Teca, presidente do Conselho Curador da Fundação Christiano Rosa, será a primeira mulher a assumir o cargo máximo do Executivo municipal.

A eleição da primeira Prefeita de Piquete

Após campanha eleitoral que priorizou a ética e a competência, a candidata Teca Gouvêa, da coligação "Piquete para Todos", elegeu-se, no último dia 7 de outubro, prefeita de Piquete. Durante a campanha, auxiliada pelos candidatos a vereador de sua coligação, Teca Gouvêa percorreu o município de ponta a ponta. Apresentou para os eleitores seu programa de governo e sua disposição para o trabalho aliados a conhecimento e preparo técnico para estar à frente da administração municipal.

Nos dias que antecederam ao pleito eleitoral, por onde se andava na cidade, o nome Teca Gouvêa era citado como sinônimo de mudança, determinação, honestidade e transparência. Ao término das apurações do dia 7 de outubro seu nome foi sufragado em todas as seções eleitorais, vencendo nas urnas e confirmando as expectativas do eleitorado. A explicação para esse fenômeno é simples: o eleitor votou pela mudança, contra o continuísmo mofado de antigos políticos e contra práticas administrativas ultrapassadas, que nas campanhas eleitorais se utilizam do vale-tudo contribuindo para o atraso em que se encontra o município. Hoje, o eleitor quer que esteja à frente do governo um técnico capacitado que gerencie o município e o transforme num lugar melhor para todos. A exemplo do que vem ocorrendo por todo o país, o eleitor está atento a todos os tipos de denúncia e prática de corrupção, desvios e enriquecimento ilícito, e a pessoas que buscam o poder para benefício próprio.

Teca Gouvêa herdará um município com dívidas e convênios bloqueados por falta de pagamento. Para romper com a situação crítica do município elaborou um programa de governo enxuto, mas exequível, que foi aprovado pelas urnas.

Os munícipes enxergaram em Teca Gouvêa compromisso com a administração e seriedade com a coisa pública. Com seu programa, priorizará, entre outros, a saúde, valorizando o Sistema Único de Saúde (SUS), fortalecendo o Programa de Saúde da Família (PSF) e promovendo um programa de atenção especial à saúde da mulher, da criança e do idoso.

Visando à formação de um novo cidadão, voltará seus olhos para a educação. Buscará implantar o período integral nas escolas da rede municipal, visando a melhorar as condições de aprendizagem, recursos humanos e materiais.

Em todos os setores da administração pública, a prefeita eleita sinaliza que valorizará e fortalecerá o funcionalismo público municipal, com o qual pretende trabalhar para a consecução do lema com que foi eleita – "Piquete para Todos".

Imagem - Memória

Fotos Arquivo Pró-Memória

Quem conheceu o Grêmio General Carneiro pode constatar sua organização e a diversidade de promoções oferecidas a seus associados: festas, bailes, excursões, filmes, teatros, gincanas, jogos, competições esportivas e outros... A presença maciça dos sócios evidencia o primor e o requinte com que eram organizados os diversos eventos. Foto do final da década de 1940.

O Grêmio General Carneiro

Em 1952, por aviso ministerial, foi criado o Centro Social da Fábrica Presidente Vargas. Objetivava proporcionar aos servidores civis e militares da Fábrica assistência social nos setores da educação, da saúde, de alimentação, comercial e recreativo. Procurava, assim, aumentar o bem-estar da coletividade e desenvolver os laços de solidariedade e camaradagem. As obras do Centro Social estendiam-se aos familiares dos servidores que viviam às suas expensas, inclusive agregados.

Os diversos benefícios oferecidos pela Fábrica foram disponibilizados ao longo de diferentes épocas e a criação do Centro Social foi apenas uma forma de agregá-los. Dentre esses trabalhos havia o "Departamento de Assistência à Recreação", que compreendia o Círculo Militar da Estrela, o Grêmio General Carneiro, o Grêmio Duque de Caxias, a Divisão de Desportos, Caça e Excursões, a Divisão de Cinema e Teatro, Bandas e Conjuntos Musicais, Centro Hípico e o Recreio São Caetano, na "Onça", no Alto da Mantiqueira. Dentre essas instituições, uma que se sobressaiu foi o Grêmio General Carneiro, que teve como patrono o general José Gomes Carneiro, diretor da Fábrica entre 1935 e 1940. Foi durante sua administração que essa agremiação foi criada. Instalada junto ao Cine Glória, à rua Major Carlos Ribeiro, ali funcionou até setembro de 1945, quando o general Waldemar Brito de Aquino inaugurou o Cine Estrela do Norte e, anexo a ele, o clube social que seria a sede definitiva do Grêmio General Carneiro.

A finalidade desse Grêmio era congregar em círculo social as famílias dos sargentos, mestres e assalariados da FPV, procurando, com comodidade, o desenvolvimento familiar, proporcionando o estreitamento cada vez maior dos laços de união e camaradagem, indispensáveis à vida em sociedade. O Grêmio General Carneiro era administrado por uma diretoria composta por presidente, vice-presidente, secretário, tesoureiro, bibliotecário, almoxarife, diretor de festas, diretor de esportes, orador oficial, departamento feminino e comissão fiscal. Os recursos financeiros provinham das mensalidades, serviços de bar e outros lucrativos e, ainda, do auxílio distribuído aos círculos pela Fábrica. Quem conheceu e vivenciou esse Grêmio pode constatar sua organização e a diversidade de promoções oferecidas a seus associados: festas, bailes, excursões, filmes, teatros, gincanas, jogos, competições esportivas e outros... A presença maciça dos sócios evidencia o primor e o requinte com que eram organizados os diversos eventos.

Todas as promoções causavam agitação na cidade. É sempre bom lembrar que, ao mesmo tempo, tanto o Círculo Militar da Estrela quanto o Grêmio Duque de Caxias (Elefante Branco) também promoviam eventos para seus associados.

Marcaram época os inúmeros e famosos bailes promovidos por essas instituições, abrilhantados quase sempre pelos conjuntos musicais da Fábrica – Jazz Bands e Orquestra, cujos repertórios e excelência dos músicos extrapolavam os limites do município. As festas juninas, os bailes de formatura das escolas do Departamento Educacional da Fábrica, as coroações das rainhas da primavera, dos estudantes, do Carnaval ficaram na memória de muitos... Para esses eventos, os sócios se vestiam a rigor ou a caráter... Havia bom gosto na decoração e esmero na organização, retratando trabalhos em equipe. Ao longo do tempo, uma diretoria tentava superar a outra numa saudável concorrência em que os ganhadores eram os sócios...

Quem dançou ao som dos músicos da FPV reconhece, certamente, sua qualidade. Aliás, Piquete contou sempre com excelentes conjuntos musicais; que o digam os membros do grupo "Amigos de Piquete , Turma do Carneiro"...

O ESTAFETA
Fundado em fevereiro / 1997

Diretor Geral:
Antônio Carlos Monteiro Chaves
Jornalista Responsável:
Rosi Masiero - Mtd-20.925-86
Revisor: Francisco Máximo Ferreira Netto
Redação:
Rua Coronel Pederneiras, 204
Tels.: (12) 3156-1192 / 3156-1207
Correspondência:
Caixa Postal nº 10 - Piquete SP
Editoração: Marcos R. Rodrigues Ramos
Laurentino Gonçalves Dias Jr.
Tiragem: 1000 exemplares
A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.

GENTE DA CIDADE

Maria Goulart

Seriedade e equilíbrio pontuam sua maneira de falar. Com voz pausada, desfila de maneira saborosa inúmeras lembranças armazenadas na memória. Mineira de Itajubá, filha de Emília e Joaquim Goulart, Maria é a mais velha dos oito filhos do casal. Nasceu em 19 de março de 1927. Ainda menina, mudou-se para Piquete. O pai veio trabalhar na Fábrica. A família residiu, por longo tempo, à rua Coronel José Mariano, próximo à Praça Marechal Mallet. Neste local ficava o Hotel das Palmeiras, de propriedade de Dona Maria Eufrázia e sua filha, Lili Couto. Nele trabalhavam dona Rosa Paulino e sua filha Zezé, Geraldina e Maria Geralda. Ao lado do hotel, residia a família Schommller, dona Martinha Guimarães com seus filhos Leonor, Adília e Décio, Armando e Maria Leite de Castro com os filhos Clélia, Chico Máximo e Zé Armando. No caminho para o Itabaquara, Maria Biteba... Foram seus vizinhos, ainda, dona Cota e Zé Lemes, Joaquim Sacristão, Maria José Silva, Serafim Moreira e dona Letícia, Benedito e Eva Chaves... No Largo do Coreto havia a Casa Paroquial, cujo padre, à época, era o "sempre bravo" Septímio Ramos Arantes.

Os filhos dessas famílias foram seus companheiros de traquinagem. "Fui uma menina muito arteira...", afirma. No antigo Grupo Escolar foi aluna das professoras Leonor Guimarães, Palmira e Milita Brito. Seus colegas foram Célia Moreira, Mariinha Mota, Heroína, Didi Pagode... "Turma boa...", suspira.

Refere-se à sua infância como muito feliz e marcante... Conta que, após o catecismo, ela e os amigos desciam correndo o morro da Matriz para pegar o trem que subia para a Fábrica: "era uma festa... íamos até o Portão da Limeira, desembarcávamos e esperávamos até que ele voltasse...". Cita também o Cine Glória, que frequentava de vez em quando...

Menina, foi uma "carregadeira de almoço" para operários da Fábrica... "Éramos muitas as carregadeiras", conta. Recorda-se de Nhá Zefa, irmã de Dona Miquelina, que levava à cabeça uma cesta enorme cheia de marmitas. "Era tanto peso, que ela andava arcada", ressalta, sorrindo.

Já adolescente, trabalhou nas casas de Adir Corrêa e Paulo Lódi e, mais tarde, de Eva Chaves.

A família de Maria Gourlart mudou-se do Piquete antigo para a região em que seria construído o hospital, à margem direita do ribeirão Benfica. Novos vizinhos... Novas amizades... Nessa época conheceu o itajubense Romeu de Faria, que, assim como seu pai, veio trabalhar na Fábrica. Namoraram por um ano e meio e, em 1945, casaram-se. Em 1946 nasceu sua primeira filha. Em 1950, com 23 anos, teve trigêmeos. "Foi uma surpresa pra mim e novidade na cidade!". As crianças nasceram na maternidade, no prédio que hoje é o Forum. "Até o Dr. Tibúrcio, que me atendeu depois do parto, feito pela parteira Maria José, se surpreendeu...". Só um dos trigêmeos chegou à idade adulta, conta. Dona Maria e seu Romeu tiveram 11 filhos.

Após o nascimento dos trigêmeos, a família se mudou para a Vila Duque, onde residiu por cerca de 25 anos. "A Vila Duque era muito movimentada... Havia os alunos do Jardim da Infância, da Escola Normal, do Curso de Aplicação... Todos uniformizados, era bonito de se ver".

O marido, Romeu, morto em 2001, é citado com muito carinho: uma pessoa marcante, muito religioso, católico fervoroso... Membro da Irmandade de São Benedito, nas festas religiosas, carregava solenemente a cruz processional.

"Meus tempos de infância, apesar de terem sido de muita alegria, foram muito difíceis... É muito bom recordar, mas sem saudosismos... Como o tempo passa! Hoje a vida é mais fácil, o acesso às necessidades é muito mais simples..."

Em 1975, compraram, ela e o marido, a casa em que reside até hoje. O tempo passa, inexoravelmente, mas pessoas como Dona Maria são inesquecíveis, pois, com sua memória e bom humor colaboram para manter viva a história.

Ponto de Vista

Fênix morta, Águia viva

Fui buscar na história e nas técnicas de motivação uma explicação que acredito ser sensata, saudável e curiosa sobre o resultado da eleição municipal de 7 de outubro. Isso porquê vou me inspirar na luta travada pela legendária e mitológica ave Fênix e pela intrépida águia. Pela mitologia, a ave Fênix sempre que a julgavam derrotada e aniquilada, encontrava forças sobrenaturais e renascia das cinzas. E, assim, se apresentava eterna e dava continuidade às suas ações destruidoras. A outra ave, a águia, tem comportamento muito diferente. Percebe o enfraquecimento de suas forças, recolhe-se ao alto de uma montanha e dá início a um processo de autoflagelação. Esse processo será a técnica para sua sobrevivência e uma nova vida. Superando a autoflagelação de forma esplendorosa, altiva, alça voo e vive por muito mais tempo.

Esses comportamentos se identificam com o resultado de eleição para prefeito de Piquete. De um lado, forças retrógradas que, de forma desastrosa, aniquilaram administrativamente o município e desejavam, a todo custo, reunir forças para a retomada do poder. Assim, dariam continuidade à sangria em nossa cidade. Felizmente, a águia, recolhida em seu refúgio, lutou bravamente, sensibilizou a sociedade piquetense, que, pela primeira vez na história da cidade, elegeu uma mulher para o cargo máximo do Executivo. As cinzas da legendária Fênix foram dispersadas e só mesmo um enorme cataclisma poderia reagrupá-las. E, ainda que isso aconteça, o que levará muito tempo, a ave derrotada certamente nascerá geneticamente modificada e, quem sabe, tenha a humildade de se espelhar na luta heroica da águia para um novo e diferente renascimento.

O país mudou. Novas regras. Novas normas e leis que exigem transparência, seriedade, respeito ao cidadão e responsabilidade com os parcos e necessários recursos públicos. Que como a águia, forças renovadas e fortalecidas coloquem nossa Piquete no eixo do desenvolvimento econômico, social, com justiça. Parabéns e sucesso à prefeita eleita, Teca Gouvêa. Quanto à nova Câmara, fica difícil fazer qualquer especulação face às enormes diferenças técnicas, culturais e políticas entre os eleitos. Dessa feita, vamos dar tempo ao tempo... Como no folclórico ditado mineiro: canja de galinha e repouso não fazem mal a ninguém.

Celso Colombo

Aos professores, os jardins

Fotos Arquivo Pró-Memória

A questão educacional tem mobilizado os espíritos, com veemência. Na atualidade está entre as mais discutidas desde que a presidente Dilma Rousseff, ao tomar posse do cargo, anunciou o interesse e a necessidade em atender ao setor. Foi de sua preocupação considerar o papel da educação no processo organizativo de seu governo como função prioritária, paralelamente à da valorização dos professores.

Mas, no Brasil, o sistema educacional sofre vários entravamentos, e dois dos mais destacados podem ser considerados: as dificuldades dos professores de diferentes níveis de formação, alguns bastante deficitários quanto ao processo formativo e informativo propriamente dito, frutos de programações alienadas de nossa realidade geográfica e cultural; e o outro, a falta de verdadeira sintonia com a função profissional de profeassor, muitas vezes caudatária de escolhas equivocadas e ou, realizadas por exclusão das demais.

É comum que os modelos de ação sejam copiados de outras experiências conquanto ressonâncias de modelos bem estruturados e recebidos. Mas fadadas ao fracasso, pois o improviso dificulta muito as relações entre os objetivos e os fins a alcançar. Um bom planejamento educacional depende da maturação de experiências já praticadas em modelos de bases estruturais semelhantes, baseados na análise ponto a ponto dos resultados. Segundo meu ponto de vista, esse planejamento não pode ter vínculos com ações preconcebidas e carregadas de homogeneidades, pois, analiticamente, cada caso é um, e como tal deve ser tratado. Dá trabalho. A recorrência inicial deve ser dada ao mundo da atualidade representado em sua especificidade – é daí que poderá ser elaborado um diagnóstico, o qual reclama experiência e exige entrega. Vivemos a multiculturalidade amplamente dimensionada.

E o ensino não pode estar fora desse cenário presente em que o passado se encontra com o futuro projetivo para trabalhar o hoje, em vistas ao amanhã. Os frutos dos acertos ou erros aparecem posteriormente, e é deles que depende, não só a autoafirmação pessoal, como profissional, e mesmo nacional. Não se pode estar longe das realidades. Arranjos espúrios não resolvem, nem soluções buscadas a curto prazo. Mas estas têm urgências. Daí o professor ser desafiado a todo momento.

Educar significa contribuir para a mudança de comportamento e moldar formas privilegiadas de pensamento fundamentadas em conhecimento e em análises significativas na busca do verdadeiro, evitadas as razões preconceituosas ou ao gosto de modas consumistas a serviço dos que praticam o engodo da satisfação de interesses imediatos. Há educação quando o sujeito do processo incorpora, em caráter duradouro, o objeto formativo, ou seja, quando o propósito planejado é alcançado. Por exemplo, a aquisição de hábitos saudáveis para a vida social: respeito mútuo e aos mais velhos, sem preconceitos de raça ou etnia, cor, cultura, sexo, e da condição socioeconômica. E também respeito ao ambiente em que se vive, reconhecendo a necessidade da preservação do bem comum e do patrimônio biológico da humanidade. Sem deixar de produzir, atendendo aos apelos vocacionais, e não apenas os do mercado. Sem, entretanto, perder a realidade dos fluxos do tempo no qual se vive. Pois quem pensa apenas em resultados imediatos não planta árvores, dado que estas levam muitos anos para crescer e produzir frutos e dar sombra. Os professores sabem que são como jardineiros que, com amor e paciência projetam o futuro.

Portanto, aos professores cabe ter determinação, vontade, humildade e propósito para agir, além da alegria da ação antecipada pelos fins a atingir. Discernir entre as estratégias as que servem ao educando para atingir um modelo concatenado ao país no qual se insere dinâmico e à sociedade na qual vive. Tudo para que o mundo do trabalho não se oponha, vitorioso, ao mundo da escola. Para que o educando permaneça na escola o tempo necessário. Consta de estatística recente que mais de 3 milhões de crianças e adolescentes estão fora da escola. Preocupada com esses índices, a presidente Dilma propõe modificar o ensino médio valorizando as conquistas tecnológicas e da informática, ou seja, em fazer a escola adequar-se aos novos meios de comunicação, e, portanto, às solicitações do mercado. Muito mais do que tudo isso, é preciso que o professor tenha fé no trabalho, que finque as raízes – sem raízes não há força, que reconheça sua importância e não esmoreça em cultivar seus jardins, apesar das floradas afastadas de seus sentidos. Educa-se para sempre.

Dóli de Castro Ferreira

A revolução da escolha

Foto Arquivo Pró-Memória

Estava a passeio. Caminhando entre os livros expostos de várias maneiras naquela livraria. Um deles chamou minha atenção, seja pelo vermelho brilhante da capa, seja pelo nome que muitos conhecemos. O volume de muitas páginas era uma biografia e seu título era "Mao" (aquele mesmo, Tse Tung).

A conversa boa naquele local tão prazeroso, onde realmente gosto de estar, fluiu nas mais diversas direções em razão do título daquele livro. Inevitavelmente me levou a divagar sobre as revoluções que nosso mundo já viveu e infelizmente ainda vive.

Falamos de várias lutas das quais tivemos e temos notícias, apesar das distâncias, dos idiomas diferentes, apesar da manipulação dos fatos que alguns países ainda teimam em fazer para maquiar ações contrárias aos direitos humanos e ao respeito pelo próximo.

Minha reflexão foi-se alargando, fui me lembrando também do horror vivido pelos povos de diversos países: Ruanda, Serra Leoa, Somália, Etiópia, países africanos em geral expostos à fome extrema e ao aviltamento do valor do ser humano; Vietnã, Camboja, Sérvia, Bósnia, países árabes que fazem suas revoluções em nome de uma ou de outra religião.

Para mim, todas essas revoluções, invariavelmente, com o passar do tempo, se distanciam dos objetivos e dos ideais originários que motivaram um levante, uma oposição ao regime opressor vigente. Principalmente, a forma como os antigos revolucionários que lutaram e levaram tantos a lutar também por um objetivo maior se transforma ao longo do tempo. Passam de libertadores do povo a traidores e perseguidores desse mesmo povo.

De fato, a história recente nos mostra que os que se levantaram contra um regime desumano e opressor e então eram tidos como libertadores desses povos, ao tomarem o poder passaram de libertadores e heróis a perseguidores da sua própria gente, agindo da mesma forma ou até de forma mais cruel, com mais brutalidade, pois já estavam corrompidos. Seus ideais se transmudaram em afirmação pessoal, em satisfação de suas próprias convicções ou caprichos e sua perpetuação no poder, em detrimento da proteção dos que um dia juraram defender, libertar e cuidar.

Disso tudo, cheguei à triste e amarga conclusão de que em toda revolução, nas quais surgem os idolatrados "salvadores da pátria", os libertadores, os justiceiros, quem paga por todos os equívocos, quem sofre as nefastas consequências dessas ações é o povo, oprimido e escravo de um sistema, faminto, acuado, entregue à própria sorte por quem se proclamava seu libertador.

A nossa revolução não é a das armas, nem a das guerras, ela é vivida civilizadamente a cada dois anos; é a revolução da escolha, já que pelo nosso voto os resultados das urnas mudam (ou não) os candidatos em libertadores, reformadores e condutores da vida da população.

Depois de alguns meses de embate nas campanhas, não são os candidatos que tomam o poder para si, somos nós que os conduzimos para esse poder em razão das propostas e compromissos de cada um com as necessidades de cada grupo social.

Desejo que a revolução da escolha, tão pacificamente praticada, nos conduza pelos caminhos corretos, e espero que haja para todos o progresso, a paz e a concretização das mudanças, tão necessárias, e que o condutor por excelência dessa revolução faça jus ao mandato que lhe foi outorgado pelos cidadãos.

Para que daqui a pouco ninguém tenha que dar um "Ultimatum" a esses escolhidos e dizer aos condutores eleitos, como disse Álvaro de Campos: "*E fora tu, imperialista das sucatas, Charlatão da sinceridade, e tu, da juba socialista, e tu, qualquer outro. Ultimatum a todos eles. E a todos que sejam como eles todos!*".

Eunice Ferreira

Brancos e nulos

"Oh! Eu que pensava que o bombardeio era o que havia de pior. Como é horrível viver em uma cidade ocupada!"

Isto dizia uma senhora francesa durante a Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945).

Depois das bombas de Hiroshima e Nagasaki, os poderosos já inundaram países minúsculos produzindo chuva, já lançaram artefatos incendiários (napalm) ou desfolhantes (agente laranja).

Notícias de atrocidades na Ásia e na África são veiculadas ininterruptamente.

Será que o coração do homem só resolve seus enigmas nos conflitos? Será que a paz não é propícia para o equacionamento de problemas?

Estamos ainda no período eleitoral. As cidades com maior número de eleitores têm mais uma oportunidade para aperfeiçoar a escolha.

Lastimável foi o elevado número de votos brancos e nulos no primeiro turno.

A imperfeição é a inseparável companhia do homem.

Uma nova geração está aprendendo a votar. É hora de fazer ver que as instituições brasileiras estão cumprindo suas funções, errando aqui, acertando ali, sempre caminhando para melhor.

O voto branco é descaso. O voto nulo é desprezo.

Não levar em conta ou desmerecer o esforço dos brasileiros que dedicam suas vidas para aperfeiçoar a democracia é, no mínimo, ser injusto. Ou distraído.

A política é uma vocação como outra qualquer. Mas sempre vai ser preciso tomar cuidado com os aventureiros, os que usam a política para polir a própria imagem e enredar-se na volúpia do poder.

O verdadeiro político sabe que os benefícios e os sacrifícios têm de ser repartidos entre todos.

Zombar das instituições é um mau exemplo para quem está ingressando na cidadania plena, que implica direitos e deveres.

Qualquer atitude que possa desestabilizar as instituições ou comprometer a ordem nacional, produzir desconfiança em alguma parcela da população vem revestida de alto grau de responsabilidade.

O verdadeiro político é o homem do acordo, da negociação. O prepotente, o vaidoso jamais serão bons políticos.

Cauteloso, o bom político jamais colocará em risco a paz nacional.

Certa vez, atrapalhada com questões semânticas, fiz uma consulta: qual o verdadeiro significado da expressão ***Forças Armadas nos Quartéis***?

A resposta foi: "Forças Armadas exercendo suas atribuições de tempo de paz" – questões relativas à guarda do patrimônio, às unidades portuárias, às fronteiras, ao espaço aéreo estão neste rol; além disso, o Exército abre estradas, constrói pontes, ferrovias e canais; acrescentem-se, ainda, as solicitações da ONU (Organização das Nações Unidas).

O homem nasce para ajudar a construir o mundo, para acrescentar.

A guerra não acrescenta. Desfigura a passagem da humanidade no Planeta.

A paz deve ser o grande compromisso dos implantadores de políticas.

Forças Armadas de bom nível são um item necessário.

Mas a grande população do mundo não conseguiria mais superar a destruição ou o envenenamento de represas de água destinada ao uso doméstico. A dificuldade na produção e transporte de alimentos agravaria a fome que já se instalou mesmo em tempo de paz.

No plano interno, o aperfeiçoamento das instituições através de leis cada vez melhores deve ser a única preocupação, de modo que a menor brecha para a atuação de aventureiros seja definitivamente lacrada.

No plano externo, uma diplomacia inteligente e cautelosa que aconselhe sempre os contendores ao arbitramento e denuncie à exaustão os interesses escusos de países que comerciam armas e se vangloriam de seus poderosos arsenais.

Temos a Constituição de 88.

A Constituição Cidadã já foi testada, já produziu bons frutos.

Está sendo aperfeiçoada com muito cuidado, com as instituições funcionando a contento.

Só o voto pode manter o Estado de Direito.

Que as novas gerações aprendam conosco a votar bem.

Abigayl Lea da Silva

Crônicas Pitorescas

Entreguismo...

Palmyro Masiero

Casos de homônimos geralmente infernizam a vida daqueles de mesmo nome. É o que acontece, por exemplo, com um conhecido, bem conceituado na praça como comerciante que volta e meia se vê na relação de títulos em protesto. Engole aborrecimento e lança grana pra colocar anúncio em jornais, dizendo que o nome do protestado é igual ao dele, mas não é ele; que quem deve é aquele não ele, ele cujo RG é... Essa loucura de tentar estrelar ovo em cima de grelha.

Também questiúnculas menores, como falecimento; cara vivo jurando que não morreu, mas um desconhecido com idêntico nome – coisa que chateia parentes e amigos, que se sentem lesados em seus sentimentos pelas lágrimas vertidas por defunto incógnito.

Interessante que, apesar da quantidade de situações diversas oriundas da homonímia, cada pessoa carrega uma maçaroca de documentos com números personalizados, ou seja, exclusivamente dela. Cada documento, um número. O diabo é que ninguém conhece ninguém por nenhum dos números que o sujeito é na abundante papelada numérica que leva pra provar que não é fajuto. Mesmo o próprio, quando muito, sabe o RG e, alguns, o CPF.

Existem aí razões diversas: vaidade, orgulho, machismo, ego em expoente, homenagem quando processado o registro por terceiros etc. Os "Filho", "Júnior", "Segundo" não causam grandes embaraços no rol das embrulhadas. Todavia, o batizadinho com o nome do pai conduz um ônus brabo pra burro! Se o pai é um periférico dos preceitos impostos pela sociedade, o rebento o será sempre o filho "daquele"... Identicamente, se o progenitor é um figurão destacado no círculos dos altos padrões éticos, o filhote continuará sendo filho "daquele...". Invertendo as posições, se o filho for destaque, o coroa despersonaliza-se e passa a ser simplesmente o "Pai de...". Em resumo: um é comido pelo outro ou o outro é comido pelo um... No campo das artes, pseudônimo resolve.

Na maioria dos casos dos Filho, Júnior, Segundo, em casa e mesmo nos diferentes grupos, eles ou têm apelidos ou são chamados por esse pós-nome. Mas, quando pai e filho são chamados da mesma forma, no lar ou fora dele, os fatos às vezes debulham:

O pai chama-se André. O filho, como filho, obviamente também é André. Vai daí serem conhecidos pelo mesmo prenome. O André, pai, é classe média (?). Tem sua casa, seu emprego, seu carro e rema a canoa no rio do dia-a-dia, com a mulher, o André Filho e a Maria das Dores, frutos. O André, filho, não trabalha. Estuda!? O bicho na dele, sacamé, na onda: ajeitadão com alguma grana no bolso (descolada do André pai), gatas mil mijando no seu telhado, bate-ponto de todo barzinho da noite, com a corda toda... Ou quase... Tem carteira de motorista, não tem carro... E isso pesa, negão!

O André, pai, só deixava o carango com o André, filho, após muita abobrinha descascada ou na apresentação de uma jamanta de motivos plausíveis.

O telefone tocou na casa:

– Alô!

– Alô. É o André?

– Sim!

– Cara, aqui é o Zeca. Vê se dá uma enrolada no coroa, pega o carango... Transei duas meninas pra gente curtir um embalo legal num sítio aqui perto...

– O negócio é enganar o coroa...

– Isso, cara... Dá uma engrupida no velho e vem de carro ali pelas oito.

– Pode deixar que eu dou o recado!

– Quem tá falando?

– O coroa, o velho, ou o André pai, se achar melhor.

Impulso telefônico muito mais dedodurante que de certa época...

- Clic!

Salve 15 de outubro, Dia do Professor!

"Um professor é a personificada consciência do aluno; confirma-o nas suas dúvidas; explica-lhes o motivo de sua insatisfação e lhe estimula a vontade de melhorar."

Thomas Mann

Vai ter fé assim...

Edival da Silva Castro

Santo Hilário maravilhoso, cativante, acolhedor.

Nas suas águas tranquilas lavam-se as tristezas, as dores e as divergências.

Os turistas que aqui vêm misturam-se com seus habitantes e o lugarejo torna-se mais simples, movimentado e doce.

Santo Hilário dos contos, causos e estórias infindas.

Lá em cima, no topo da colina, na entrada do lugarejo, fica o armazém do Toizinho. Homem simpático, humilde, alegre. Verdadeiro anfitrião. De boné com aba pra trás, risonho e contador de causos, procura dissipar as mágoas dos que por lá passam.

Há tempos, pra ser agradável aos seus fregueses, acompanhava-os a tomar as mais diversas bebidas. E isso não era bom pro seu negócio.

Certo dia, nosso amigo tomou umas pra mais e desceu a colina.

Foi encontrado no jardim de uma residência ajoelhado perante duas estatuetas.

– Ei! Ei, Toizinho! O que você está fazendo aí?

De olhar parado e semblante cansado, respondeu:

– Tô rezando, uai! Não tá vendo?

– Que rezando o quê, Toizinho! Você está ajoelhado perante duas estatuetas!

– Que nada! São santinhos milagrosos... Eles vão fazer com que eu pare de beber; você vai ver!

– Tá bom, Toizinho!

E lá ficou nosso amigo, ajoelhado e de mãos postas rezando para os anões Feliz e Dengoso!

Passaram-se alguns meses e voltei a Santo Hilário. Como de costume, parei no armazém do amigo.

– Olá, Toizinho! Como vai?

Bem disposto, de boné ao contrário, sorriso largo, ficou contente com a minha chegada.

– Eu tô bem, uai. E você?

– Tudo em cima! Abre uma gelada pra nós dois!

– Vou abrir só pra você. Eu parei.

– Parou?!

– Parei mesmo! Só vou beber na outra encarnação!

– Ah! Então os santinhos são de fato milagrosos?

– E como são! São dois santinhos que passaram pra minha devoção!

Agora, feliz e bem dengoso, Toizinho começou a dar as novidades do nosso querido lugarejo.

Gargalhadas fizeram-se ouvir pela colina abaixo.

Cá com os meus botões, pensei: vai ter fé assim...

A tribute to mr. Borgia

Um tributo a mr. Borgia

Mr. Borgia foi um excelente professor de inglês que tivemos em nosso glorioso Ginásio da Fábrica Presidente Vargas, lá na década de 40. Aprendi com ele o inglês que pude deslanchar em minhas leituras nesse idioma. Rigoroso e competente, se nos afigurava como um carrasco, um déspota e, sendo italiano, logo depois da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) parecia-nos um fascista moldado pelas ideias de Benito Mussolini.

Os alunos tremiam à sua chegada na sala de aula. Lembro-me bem dele: um tipo claro, notadamente europeu, vestido sempre de roupas claras e a pronúncia do inglês britânico bem determinada, a nos cobrar estudo, dedicação e completa vigilância.

Mais tarde, perguntei ao professor Luttgardes, então diretor da instituição educacional, onde o havia encontrado para o trazer a Piquete e a sua esposa, igualmente boa professora de francês e latim, Dona Maria Del Pilar, espanhola de olhos claros e gestos finos, mas seguidora fiel do marido machista. Atitudes típicas dos meados do século passado numa escola que, influenciada pelo idealismo e a noção de disciplina dos militares Waldemar Brito de Aquino e José Pompeu Monte e suas patentes, manifestava-se, para nossa glória, como pioneira na área valeparaibana de ensino. Hoje, depois de toda a experiência acumulada, as viagens que fiz e os contatos que tive, posso concluir que nossa instituição educacional foi das mais modernas e eficientes. Experimentamos as técnicas pedagógicas mais avançadas que atualmente fazem o apanágio das grandes escolas de nível médio. Área que bem conheço em todas as suas modalidades por ter trabalhado na escola pública, no supletivo e nas escolas, assim chamadas de elite, pelas propostas e programas pedagógicos bem equipados com bibliotecas e laboratórios. Nossa escola na Piquete dessa época nada fica a dever. Tivemos excelentes professores, tornamo-nos extremamente exigentes com a qualidade e a forma daqueles que eventualmente sucediam aos considerados melhores, e portanto, paradigmáticos.

Aos bons professores devo minha formação e minha base. É um orgulho registrar essa observação após já percorrer um longo caminho e muitas experiências.

Mas a propósito de quê despontou este tributo? Foi quando, matéria de memória, corporificou-se em minha mente a lembrança de ter recebido de presente de meu pai, ao completar quinze anos de idade, o romance "E o vento levou" da autora norte-americana Margaret Mitchel mas, claro, traduzido em português, porque até ali eu só tinha o curso primário.

Em seguida, entrei no ginásio. Sim, tardiamente, mas a tempo. Muito bom. Era o que eu desejava. Pois foi lá que aprendi o inglês básico a que me referi. O tempo passou. Com a morte de meu pai, ao providenciar a mudança de minha mãe para minha companhia em São Paulo, meus livros foram vendidos em grande parte. Entretanto, havia separado alguns num caixote numerado para serem preservados, e entre eles, o romance citado com a dedicatória bonita de meu pai, e uma capa especial, que recebera para ser comemorativo, com o meu nome gravado. Num golpe de sorte muito lamentado, o caixote extraviou-se e nunca mais o encontrei, não sem ter feito esforços nesse sentido.

Pois bem, muitos anos passados, encontrei um exemplar da obra comemorativo de sua publicação há 75 anos numa edição paperback de maio de 2011. No original em inglês, com prefácio de Pat Conroy, e procedente da editora Scribner, New York, ramificação da prestigiada Simon & Schuster. A fotografia da autora ilustra a presente edição. Reencontrei assim, Scarlett O'Hara e demais protagonistas de um capítulo importante da literatura dos Estados Unidos, que agora sim, leio em corrente inglês. Lembrei-me, por isso, de fazer um tributo a Mr. Borgia.

Dóli de Castro Ferreira

***Nota**: Margaret Mitchel é dada como uma das mais remarcantes primeiras autoras pelas mais influentes fontes da imprensa norte-americana. Recebeu por esta obra "Gone with the Wind" o Pulitzer Prize (1937), o mais prestigiado dos prêmios do setor editorial dos Estados Unidos, e que em 1939, foi transformado em um dos mais populares filmes de todos os tempos. Um belíssimo trabalho da história política e social dos norte-americanos.*

A fé é um dom de Deus

No dia 11 de outubro, data em que se completaram cinquenta anos do início dos trabalhos do Concílio Vaticano II, ocorreu na cidade do Vaticano uma comovente celebração comemorativa na qual o Papa Bento XVI abriu a 13ª Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, com o tema "A nova evangelização para a transmissão da fé." O Papa propôs, para toda a Igreja, na mesma celebração, o ano da fé, que será encerrado em outubro de 2013, com o qual se intenciona fortalecer as comunidades cristãs no conhecimento da doutrina e na experiência espiritual por meio de celebrações especiais. Há uma grande preocupação da Igreja com o fato de um avançado processo chamado por Bento XVI de desertificação espiritual estar ocorrendo em todo o mundo.

O enfraquecimento do cristianismo no mundo é um processo que vem ocorrendo ao longo da história. Quando o Papa João XXIII inaugurou o Concílio Vaticano II, cinquenta anos atrás, já se dizia que a Igreja necessitava de um "aggiornamento," palavra italiana que significa atualização. Hoje, num mundo que se transforma constantemente, a Igreja precisa estar em constante diálogo com as culturas que vão tomando novas configurações e contornos a cada dia: isto é uma condição para que a fé cristã não pareça obsoleta às pessoas de nosso tempo.

Atualizar a tradição cristã não significa abrir mão do essencial, mas ter coragem de se despojar de ideias, costumes e práticas que foram surgindo ao longo da história do cristianismo e que não possuem mais sentido hoje. Existem muitos elementos no cristianismo atual que estão na contramão do bom senso, isto faz com que a fé pareça coisa de gente pouco instruída, ou de pessoas presas ao passado, a um mundo que não existe mais. Os cristãos precisam redescobrir os princípios fundamentais do cristianismo, dos quais não se pode abdicar e continuar a pertencer à tradição iniciada por Jesus de Nazaré e levada adiante por seus discípulos. Ainda hoje gastamos muito tempo refletindo sobre questões doutrinais complexas, tratados teológicos e reflexões filosóficas que, embora sejam importantes para fundamentar a vida de fé, não deveriam ser o cerne da experiência cristã. As mais importantes doutrinas cristãs não são conceituais e não dependem de um pensamento acadêmico e erudito. São coisas muito simples ensinadas por Jesus e pelas primeiras comunidades, como a benevolência, a justiça, a igualdade entre as pessoas, o amor ao próximo, a busca da reconciliação e da harmonia, o cuidado com os mais vulneráveis e pobres, o zelo pela criação, a integridade de vida, a confiança no amor paterno de Deus que provê a seus filhos e filhas o pão de que necessitam a cada dia, os protege e consola.

Penso que mais que uma crise de fé, entendida como acreditar em doutrinas e formulações teológicas, o cristianismo atual padece de uma crise de adesão a Cristo, no seguimento de sua prática e na sua experiência religiosa de amor, fidelidade e confiança em Deus, que nos ensinou a chamar de Pai.

A fé é um dom de Deus, despertado pela proclamação da Palavra, não meramente por meio de pregações verbais. As pessoas estão fartas de tanto falatório, sobretudo nos meios de comunicação. A proclamação da Palavra à qual me refiro é o testemunho de vida cristã. Se existe no mundo um processo de desertificação espiritual, uma das mais relevantes causas é que antes existe uma grave crise na qualidade de vida cristã das pessoas de fé, uma crise de testemunho, de prática cristã.

O cristianismo só terá lugar no mundo atual se os cristãos guardarem na própria vivência a prática de Jesus, que continua sendo uma boa nova, e crerem em Deus com a simplicidade e a ternura com que Jesus nos ensinou a crer. Assim acontecerá uma nova evangelização e a fé será transmitida às futuras gerações.

Pe. Fabrício Beckmann

Eleições 2012: Piquete elege o novo, a esperança de mudanças...

O ESTAFETA, órgão informativo da Fundação Christiano Rosa, sempre se manteve distante da política partidária. Sua linha editorial em períodos eleitorais, bem como o conteúdo de textos assinados ou não, foi sempre o de chamar os cidadãos para que participassem do processo democrático de nosso país, para que votassem, sempre após cautelosa avaliação, em eleitores capacitados e íntegros.

Nas três últimas eleições, a presidente do Conselho Curador da Fundação Christiano Rosa, a arquiteta e urbanista Teca Gouvêa, foi candidata à prefeita de Piquete. O ESTAFETA, em nenhuma de suas edições, publicou artigo algum que favorecesse Teca ou denegrisse os demais candidatos. Por meio de seus articulistas, porém, cobrou, sempre, a elaboração de projetos pelo Executivo e a atuação efetiva dos vereadores.

Neste ano, Teca Gouvêa saiu vitoriosa das urnas. Os eleitores de Piquete deram prova de que querem mudança na forma de administração: os candidatos Teca Gouvêa e Xeroso, respectivamente prefeita eleita e segundo lugar nas eleições, somaram exatamente 6mil votos, ou 68,1% dos votos válidos. Um significativo número de eleitores mostrou, portanto, que aspira por uma política nova, com transparência, sem resquícios da política pequena, sem resultados perenes, que vinha sendo praticada em Piquete.

Desta forma, a direção editorial de O ESTAFETA julgou pertinente registrar a vitória de Teca Gouvêa e de seu vice, Dr. Hamilton Leite.

Esta eleição já é um marco histórico de Piquete, uma vez que Teca Gouvêa é a primeira mulher a ser eleita para o cargo máximo do Poder Executivo municipal. O ESTAFETA está certo de que reflete a confiança dos membros da Fundação Christiano Rosa, de que Teca aplicará em seu mandato os mesmos princípios que nortearam sua vida pessoal e profissional: seriedade, honestidade, perseverança e busca permanente pela excelência. É fiador, ainda, do caráter desta mulher que conduziu três campanhas de maneira limpa, sem ataques pessoais, divulgando seu projeto de governo, apresentando seu currículo e seus compromissos com os piquetenses.

"Quero ser eleita para mostrar que Piquete é uma cidade perfeitamente administrável, desde que o seja por meio de trabalho árduo, sério e compromissado com o bem-estar da população". Esta afirmativa ouvi de Teca Gouvêa já há algum tempo. "Com projetos bem elaborados, honestidade no trato dos recursos do município, estou certa de que farei o melhor para minha cidade", complementou.

Acredito piamente no trabalho de Teca Gouvêa. Venho colaborando com a Fundação Christiano Rosa há cerca de 14 anos. Nesse tempo todo, pude conhecer a seriedade desta que hoje é uma das mais importantes instituições do Vale do Paraíba e do estado de São Paulo. Muito desta vultuosidade deve-se ao empenho de Teca Gouvêa, que proporcionou diversos projetos de extrema importância para a sustentabilidade de Piquete e de nossa região. Sempre busquei absorver parte da riqueza de cultura e de sucesso profissional que se concentram na FCR. Tenho certeza de que muito do que depreendi da observação dos trabalhos da FCR têm influência em meu sucesso profissional. E o sucesso e o desenvolvimento chegarão para Piquete por meio de Teca Gouvêa.

O ESTAFETA sente-se extremamente seguro em comprometer-se com a imparcialidade ao longo da administração Teca Gouvêa, pois conhece seus valores, sua integridade, sua capacidade analítica e executiva, que, somados, lhe permitirão fazer história à frente da Cidade Paisagem.

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Piquete: Eleições 2012

Prefeito:	*Votos*
Teca Gouvêa (PT)	3.739
Xeroso (PSDB)	2.261
Joaquim (PTB)	2.151
Hugo Soares (PMDB)	655

Vereadores eleitos:	*Votos*
Moita do PT (PT)	267
Fátima do Cariri (PSD)	247
Cidinha do PSF (PT)	222
Rodrigo Nunes (PHS)	212
Negão (PPS)	211
Heloízio dos Marins (PTB)	208
Fernando (PR)	205
Carlos da Saúde (DEM)	204
Caco (PR)	197

Foto Arquivo Pró-Memória

Foto Henrique Xavier

Foto Henrique Xavier

Foto Henrique Xavier

Foto Arquivo Pró-Memória

Foto Henrique Xavier